

A VIOLÊNCIA CONTRA O PROFESSOR E OS DESAFIOS COTIDIANOS¹

VIOLENCE AGAINST TEACHERS AND THE DAILY CHALLENGES

Raquel Eloisa Barbosa da Luz ⁱ

RESUMO: A pesquisa analisa as diferentes formas de violência sofridas por docentes no ambiente acadêmico, com o objetivo de investigar suas causas, impactos e consequências para a prática pedagógica. A abordagem foi a pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas com professores, permitiu compreender as experiências de constrangimento, exclusão simbólica e preconceito de gênero, fundamentada em autores como Paulo Freire, Pierre Bourdieu e Michel Foucault. Os resultados evidenciam a falta de apoio institucional e o impacto emocional dessas vivências. Conclui-se que é urgente a criação de políticas públicas de valorização docente, apoio psicológico e estratégias preventivas para promover ambientes educacionais seguros e humanizados.

Palavras-chave: Violência docente. Educação. Saúde mental. Valorização profissional.

ABSTRACT²: This research analyzes the different ways of violence suffered by teachers in academic environment, aiming at investigating their causes, impacts, and consequences for pedagogical practice. The approach used was qualitative research, through interviews with teachers, which allowed for an understanding of embarrassment experiences, symbolic exclusion, and gender bias, based on authors such as Paulo Freire, Pierre Bourdieu and

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A VIOLÊNCIA CONTRA O PROFESSOR E OS DESAFIOS COTIDIANOS”, sob a orientação do Prof. Dr. José Luiz Muller - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2025/2.

² Resumo traduzido por Professora Mestra Betsemens Barboza de Sousa. Graduação em Letras Português/Inglês pela UNEMAT Câmpus de Sinop (2013). Mestrado em Estudos Linguísticos pela UFMT Cuiabá (2015). Doutoranda em Letras pelo PPGLetras da UNEMAT Câmpus de Sinop (2025). <http://lattes.cnpq.br/5302438508837994>; teacherbettybarboza@gmail.com.

Michel Foucault. The results highlight the lack of institutional support as also the emotional impact of these experiences. It is concluded that is urgently needed the creation of public policies to value teachers, providing psychological support as well developing preventative strategies to promote safe and humane educational environments.

Keywords: Violence against teacher. Education. Mental health. Professional appreciation.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra o professor é uma realidade que se manifesta de diferentes formas e intensidades no contexto acadêmico, afetando diretamente o processo de ensino-aprendizagem e o equilíbrio emocional dos profissionais.

A docência, por sua natureza, envolve relações interpessoais complexas, nas quais o diálogo, o respeito e a empatia são essenciais. Entretanto, observa-se um crescimento significativo de episódios de desrespeito, ameaças e agressões dirigidas a professores, tornando-se um desafio cotidiano.

O estudo buscou compreender a percepção de docentes sobre os episódios de violência e suas consequências no âmbito acadêmico.

Os relatos de desvalorização, desrespeito e agressividade dirigidos aos docentes evidenciam um quadro preocupante de vulnerabilidade profissional, que exige atenção por parte das políticas públicas e das instituições. Analisar essa problemática é essencial para repensar as relações entre professores, alunos, famílias e gestão.

Portanto, este estudo se justifica pela urgência em discutir a violência sob a ótica do docente, dando visibilidade às suas vivências e desafios cotidianos, com o intuito de fortalecer o reconhecimento do docente como sujeito central do processo educativo e promotor de transformação social.

Para a coleta de dados, adotou-se uma abordagem qualitativa, pois essa abordagem será empregada para coletar os dados necessários para a execução da pesquisa, que teve como foco os docentes da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus Universitário de Sinop.

Dessa forma, o desenvolvimento da pesquisa evidencia que a violência contra o professor é um fenômeno estrutural e relacional, profundamente enraizado nas práticas institucionais e nos discursos sociais que desvalorizam a docência.

Enfrentar essa realidade implica reconhecer o professor como sujeito de direitos, cuja dignidade deve ser preservada, e promover transformações que fortaleçam uma cultura institucional pautada no respeito, na escuta e no cuidado. Assim, o debate sobre a violência docente torna-se fundamental para a construção de ambientes acadêmicos mais democráticos, humanizados e comprometidos com a valorização do trabalho educativo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os professores enfrentam inúmeros desafios no ambiente acadêmico contemporâneo, tornando-se vulneráveis a diferentes formas de violência, como, simbólica, física, verbal e psicológica, praticadas tanto por alunos e pais quanto por colegas e gestores. Essa realidade revela um quadro de desgaste, desânimo e adoecimento, marcado pela desvalorização da docência e pela ausência de reconhecimento social e institucional.

Pierre Bourdieu (1989) contribui para compreender as dinâmicas invisíveis que sustentam essas violências por meio do conceito de poder simbólico, definido como uma forma de dominação sutil e naturalizada, exercida com a cumplicidade dos próprios sujeitos que a reproduzem.

Para o autor, “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7).

No contexto acadêmico, essa violência simbólica manifesta-se em atitudes de desrespeito, desprezo e exclusão que, embora não físicas, produzem efeitos profundos sobre a autoestima e o pertencimento dos docentes.

Ela se materializa, por exemplo, na forma como certos modos de falar, vestir-se ou ensinar são desvalorizados ou ridicularizados, legitimando práticas de dominação. Como afirma Bourdieu, “*a intolerância estética exerce violências terríveis*” (2007, p. 55). Essa intolerância não se limita ao gosto ou aparência, mas traduz uma lógica de exclusão baseada na deslegitimação de identidades e práticas consideradas “fora do padrão”.

A violência simbólica, portanto, é especialmente perversa por não se impor pela força física, mas por meio da aceitação tácita e da reprodução cotidiana das hierarquias sociais.

No ambiente acadêmico, ela reforça desigualdades, alimenta o preconceito e compromete o equilíbrio emocional e profissional dos docentes. Aqueles que destoam do “modelo idealizado”, ou seja, por gênero, origem social, etnia, sotaque ou estilo pedagógico, se tornam alvos de julgamentos e exclusões, o que afeta diretamente sua saúde mental e sua prática docente.

Michel Foucault (1999) amplia essa discussão ao evidenciar que o poder e o saber estão intimamente relacionados e que toda relação social é atravessada por práticas de poder. Para o autor, “o poder produz saber [...] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 31).

No espaço acadêmico, isso significa que a universidade não é apenas um local de transmissão de conhecimento, mas também um campo de disputas, onde se definem quais saberes e sujeitos são legitimados ou silenciados.

Sob essa ótica, a violência contra o professor não se restringe às agressões explícitas, mas inclui formas de controle, vigilância e coerção simbólica que moldam comportamentos e subjetividades.

O poder institucional se expressa na regulação das práticas docentes, no cerceamento da autonomia pedagógica e na falta de canais de escuta, contribuindo para o silenciamento e a insegurança emocional dos professores.

Já Paulo Freire (1996) oferece uma perspectiva humanizadora e ética sobre as relações pedagógicas. Para ele, a educação deve se fundamentar no diálogo, na empatia e no respeito mútuo: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1974, p. 39). Quando o ambiente acadêmico é marcado pela violência, esse princípio é rompido, e o processo educativo perde sua dimensão emancipadora.

Freire (1996) também enfatiza que o combate à violência e à desumanização no ambiente acadêmico passa pela valorização e dignificação do trabalho docente: “O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser” (FREIRE, 1996, p. 34). Dessa forma, o autor propõe uma pedagogia da escuta e do cuidado, na qual o docente é reconhecido como sujeito de direitos e não apenas como executor de tarefas.

A articulação entre Freire, Bourdieu e Foucault permite compreender que a violência contra o docente é um fenômeno multidimensional, produzido por estruturas de poder, discursos legitimadores e relações simbólicas que desumanizam a prática docente.

Enquanto Freire defende a construção de uma educação dialógica e ética, Bourdieu revela as sutilezas da dominação simbólica e Foucault evidencia os mecanismos de poder que produzem saberes e subjetividades.

Portanto, compreender as formas de violência presentes no ambiente acadêmico requer analisar as relações de poder e dominação que estruturam a instituição educativa, reconhecendo que a transformação desse cenário depende de práticas pedagógicas mais críticas, democráticas e humanizadoras.

Dessa forma, o referencial teórico que fundamenta esta pesquisa articula a compreensão da violência acadêmica com a valorização das experiências docentes, tomando a abordagem qualitativa como meio de revelar os sentidos, emoções e estratégias de resistência que os professores desenvolvem frente aos desafios de sua profissão.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso com abordagem qualitativa, desenvolvida na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop.

O estudo teve como foco compreender as manifestações de violência sofridas por docentes e seus reflexos na prática docente e na saúde emocional.

A coleta de dados ocorreu entre o segundo semestre de 2024 e o primeiro semestre de 2025, envolvendo três docentes do curso de Pedagogia, selecionados por suas diferentes trajetórias profissionais.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em ambiente acadêmico, de forma ética e respeitosa, buscando captar as percepções, experiências e sentimentos dos participantes diante das situações de violência no contexto educacional.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa revela que a violência contra o docente assume múltiplas formas, como, moral, institucional, simbólica e de gênero, afetando a identidade profissional e a saúde mental dos docentes.

O Professor 1 relatou perseguições e prejuízos decorrentes de disputas políticas dentro da universidade. Sua decisão de “calar a boca” evidencia o peso da violência institucional, que opera por coerção simbólica e inibe a liberdade de expressão. Esse tipo de violência transcende o espaço de trabalho e afeta o convívio familiar e social, configurando-se como forma de exclusão e controle político.

A Professora 2 abordou a violência moral, ao mencionar ter sofrido constrangimentos e humilhações simbólicas. Essa forma de agressão, muitas vezes invisível, manifesta-se em atitudes de desvalorização, assédio verbal e descrédito profissional, corroendo lentamente a autoestima e o pertencimento do educador.

O Professor 3 relatou discriminação por parte de famílias e colegas por ser homem na Educação Infantil. A rejeição e os comentários pejorativos o colocaram em posição de vulnerabilidade, reforçando o caráter estrutural da violência de gênero nas instituições escolares. Sua narrativa explicita o paradoxo da docência: enquanto se propõe a educar para o respeito e a igualdade, o próprio ambiente escolar reproduz práticas de exclusão e preconceito.

Essas experiências evidenciam que a violência contra o docente é um fenômeno relacional e estrutural, resultado das tramas de poder e dos discursos sociais que desvalorizam a docência. Os relatos dos professores mostram que a violência deixa marcas profundas, que ultrapassam o momento da ocorrência e se manifestam no campo emocional e psicológico.

O sofrimento, nesse contexto, não é apenas um efeito colateral, mas um processo de internalização que fragiliza vínculos, altera comportamentos e reconfigura o modo de ser e sentir-se professor.

O Professor 1 relatou perdas financeiras, exclusão e isolamento após perseguições políticas, afirmando que aprendeu, com a dor, a valorizar o direito de fala e escuta. Sua narrativa mostra como o trauma foi resignificado em resistência ética e política.

A Professora 2 descreveu efeitos emocionais diretos, como ansiedade, retraimento e medo de reviver situações de violência, demonstrando fragilidade emocional e desconfiança relacional.

O Professor 3 relatou tristeza profunda, desmotivação e vontade de abandonar a profissão, evidenciando o impacto da violência simbólica e de gênero sobre a autoestima e a saúde mental.

Conforme destacam Safatle, Silva Júnior e Dunker (2020), o sofrimento é uma categoria que ultrapassa a dimensão clínica, assumindo caráter político e existencial. Nos três relatos, o sofrimento

aparece como uma forma de resistência silenciosa frente ao abandono institucional e à falta de apoio psicológico.

A violência, assim, transforma-se em uma marca identitária na trajetória docente um ponto de inflexão que redefine a relação do sujeito com seu trabalho e com a própria instituição. O medo, o desânimo e o sentimento de desamparo revelam um processo de erosão emocional que mina o prazer de ensinar e o sentido do pertencimento.

Ao refletirem sobre as formas de enfrentamento da violência, os entrevistados convergiram em um mesmo ponto: a ausência de suporte institucional eficaz. Todos apontaram a necessidade de políticas públicas voltadas à valorização, proteção e apoio psicológico dos docentes.

O Professor 1 destacou a precariedade do suporte acadêmico e defendeu a criação de políticas permanentes de prevenção e valorização docente, com condições dignas de trabalho e reconhecimento profissional.

A Professora 2 ressaltou que as instituições ainda falham em lidar com as violências não físicas, deixando de lado as dimensões morais e simbólicas que afetam profundamente os educadores.

O Professor 3 afirmou que faltam protocolos e setores especializados para acolher as vítimas, alertando para o risco de revitimização em casos de denúncia.

As falas convergem para o entendimento de que o combate à violência contra o docente requer transformações estruturais, culturais e éticas no ambiente acadêmico. Mais do que reagir a casos isolados, é necessário promover uma cultura institucional de respeito, diálogo e cuidado, que reconheça a centralidade do docente no processo educativo.

Em síntese, as narrativas evidenciam que a violência docente é um fenômeno sistêmico, que reflete as desigualdades e os mecanismos de poder presentes nas instituições.

Superá-la exige não apenas políticas punitivas, mas ações contínuas de escuta, acolhimento e formação humanizadora, capazes de reconstruir os vínculos entre os sujeitos e resgatar o sentido ético e transformador da docência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das narrativas docentes evidencia que a violência contra o professor é um fenômeno complexo e multifacetado, que se expressa em dimensões simbólicas, morais, institucionais e de gênero.

Mais do que situações pontuais, essas violências revelam a existência de estruturas de poder e dominação que se perpetuam dentro do ambiente acadêmico, comprometendo o exercício ético e humanizado da docência.

Os relatos demonstram que as agressões, explícitas ou veladas, produzem efeitos profundos na subjetividade e na saúde mental dos docentes, gerando sentimentos de medo, insegurança, desvalorização e desânimo.

Tais experiências de sofrimento fragilizam o vínculo do educador com sua prática e evidenciam a ausência de políticas institucionais de acolhimento e prevenção. A falta de escuta, de suporte psicológico e de reconhecimento profissional acentua a vulnerabilidade docente, transformando o espaço educativo, que deveria ser de emancipação, em um local de tensão e silenciamento.

Dessa forma, enfrentar a violência contra o professor requer ações coletivas e estruturais, que envolvam tanto políticas públicas de valorização docente quanto mudanças culturais dentro das instituições.

É fundamental implementar programas permanentes de formação continuada, apoio emocional e fortalecimento da autonomia pedagógica, de modo a restituir ao professor o direito de ensinar com dignidade, segurança e reconhecimento.

Conclui-se que a promoção de ambientes acadêmicos verdadeiramente democráticos e humanizados depende da capacidade das instituições de transformar o sofrimento em escuta, o silêncio em diálogo e o medo em resistência.

Somente assim será possível garantir que o ato de educar recupere seu sentido ético, político e emancipador, conforme defendem os autores que fundamentam esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian Ingo Lenz. Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

Recebido em: 20 de dezembro de 2025.

Aprovado em: 16 de janeiro de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/rep.v16i3.14727>

ⁱ Raquel Eloisa Barbosa da Luz. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2025/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4940470526535114>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5692-6901>

E-mail: raquel.luz@unemat.br